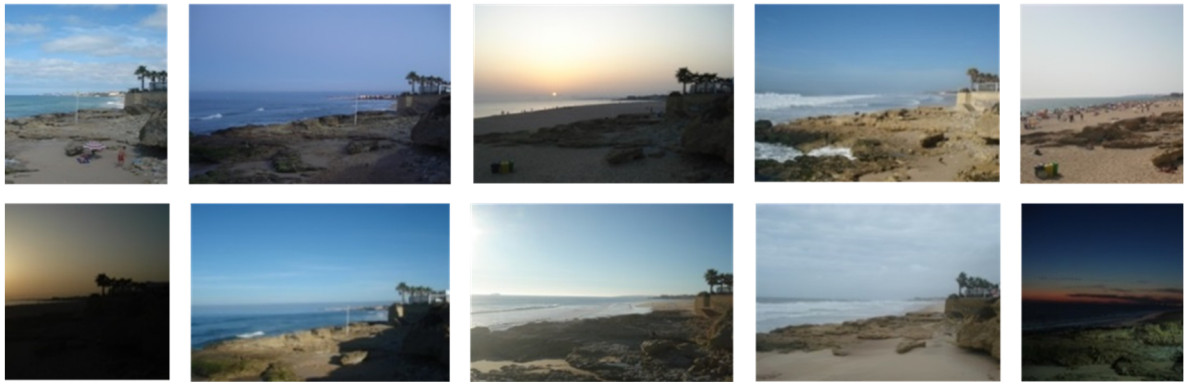


ESTUDOS DE PAISAGEM

VOLUME IV



PEDRO FIDALGO

(coord.)

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ih
INSTITUTO
DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

ESTUDOS DE PAISAGEM

Pedro Fidalgo (coord.)

AUTORES

Alexandro Jirola Ordera	Gonçalo Prates	Margarida Carvalho
Alfonso Díaz Revilla	Gustavo Ballesteros-Peagrín	Maria da Graça Saraiva
Altamiro Sérgio Mol Bessa	Han Yu	Maria João Centeno
Ana Cardoso de Matos	Helena Figueiredo Pina	Maria José Curado
Ana da Silva	Helena Rebelo	Maria Teresa Pérez Cano
Ana Luísa Soares	Henrique Pereira dos Santos	Mario Benjamim
Ana Paula Pires	Ícaro Obeso Muñiz	Marta Gonçalves
Anderson Gomes da Epifania	Ignacio García Pereda	Melisa Pesoa
Andreia Amorim Pereira e	Ignacio López Busón	Miguel Ángel Sánchez-Sánchez
Armando Quintas	Inês Leitão	Miguel Azevedo Coutinho
Bárbara Marie V. S. L. S. Martins	Isabel Aguirre	Miguel Vidal Calvet
Blanca del Espino Hidalgo	Isabel Maria Matias	Mirela Carina Rêgo Duarte
Damián Macías Rodríguez	Isabel Loupa-Ramos	Nancy Duxbury
Carla Gonçalves	Jimela Varela	Nuno Grancho
Carla Rolo Antunes	João Gomes de Abreu	Pascal de Moura Pereira
Carlos Vargas	Joana Capela de Campos	Paula Gomes da Silva
Carlos Bragança dos Santos	Joel Gomes	Pedro Borges
Cándido López González	Jorge Cancela	Pedro da Luz Pinto
Claudia Ribeiro	Jorge Croce Rivera	Pedro Fidalgo
Cristina García Fontán	José Cavaleiro Rodrigues	Pedro Machado Costa
Damián Macías Rodríguez	José Fariña Tojo	Pedro Miguel Araújo Albuquerque
Daniela Simões	José Joaquín Parra Bañón	Ricardo Jorge de Almeida Ribeiro
Desidério Batista	José Ribeiro	Rolando Volzone
Eduardo Brito-Henriques	Josélia Godoy Portugal	Sonia Gómez-Pardo Gabaldón
Elza Guimarães Andrade	Juan Frontera Peña	Sónia Talhé Azambuja
Ester Higuera	Lúcio Cunha	Susana Domingues
Fátima Bernardo	Lucila Urda	Susana Peixoto
Felipe Fernández García	Luís Alberto Brandão	Teresa Madeira da Silva
Fernanda Cristina de Souza Paz	Luís Monteiro	Vanessa Alexandra Pereira
Filipe Fontes	Luís Ribeiro	Vicente Collado Capilla
Filipe Sousa Silva	Luisa Alarcón Gonzales	Vidal Gómez Martínez
Francisco Belmonte-Serrato	Mary Polites	Xosé L. Martínez Suárez
Francisco José García Fernández	Marco Oliveira Borges	Xosé M. Vázquez Mosquera
	Margareth Afeche Pimenta	

EDITA

Instituto de História Contemporânea da
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

LOCAL

Lisboa

DATA

Julho de 2017

ISBN

978-972-96844-8-7

ÍNDICE DO VOLUME IV

Mirela Carina Rêgo Duarte O método de investigação histórica da paisagem urbana do Recife, Brasil	5
Nancy Duxbury Mapping Culture: Trajectories and issues in mapping cultures of place	28
Nuno Grancho The artist as a producer of urban colonial landscape in Diu	45
Paula Gomes da Silva Visão e método: contributo da ideia de sistema na leitura e construção da paisagem contemporânea	63
Pedro Borges História da Paisagem, uma narrativa para a ilha de São Miguel, Açores	83
Pedro da Luz Pinto Paisagem, Arquitetura, Projeto e Educação	98
Pedro Fidalgo A paisagem e os elementos visuais que a determinam	119
Pedro Machado Costa Paisagem do Movimento Moderno: Contribuição para a metodologia de investigação da paisagem através da análise do processo de projecto do Cemitério do Bosque, 1915-1940	134
Ricardo Jorge de Almeida Ribeiro Contributos para o desenvolvimento de um Sistema de Interpretação Integrada da Paisagem centrado no estudo do seu Lugar Arquitectónico. Estudo de Caso do Parque Natural da Ria Formosa	177
Rolando Volzone Os eremitas da <i>pobre vida</i> e a construção da paisagem da Serra de Ossa	196
Rui Florentino O espaço exterior em relação ao homem	221
Sonia Gómez-Pardo Gabaldón El valor de los Paisajes	222
Susana Domingues O frio industrial (1978-81): que evidências na paisagem?	246
Teresa Madeira da Silva A acção do homem na paisagem através do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa: uma visão humanista da natureza	271
Vicente Collado Capilla Concepto y caracterización de los paisajes urbanos	288
Xosé L. Martínez Suárez, Cándido López González, Xosé M. Vázquez Mosquera, Cristina García Fontán y Alfonso Díaz Revilla A cidade como paisagem. As galerias da marinha. A corunha	313
Notas curriculares	333

OS EREMITAS DA *POBRE VIDA* E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DA SERRA DE OSSA

Rolando Volzone

Resumo: Os testemunhos arquitetônicos que chegam até hoje como legado do movimento eremítico na Serra de Ossa, embora estudados e analisados do ponto de vista historiográfico, são ainda pouco conhecidos relativamente às características arquitetônicas da sua implantação física e da sua relação com os sistemas naturais. Pretende-se neste trabalho expor o processo de apropriação do ermo como ponto de partida para a interpretação desta paisagem, evidenciando a relação estreita entre a vivência religiosa e o espaço físico escolhido para atingir a perfeição da alma. O locus eremus é assim determinado não só por aspetos de ordem prática como a localização absoluta e relativa, orografia do terreno, existência de recursos hídricos, ou o favorecimento do Rei à ação religiosa e de povoamento dos eremitas, mas também por aspetos de ordem espiritual associados ao simbolismo dos elementos físicos presentes e da caminhada solitária destes homens. Estes aspetos, conjugados com os elementos arquitetônicos construídos e demais ação humana exercida, poderão ser campo fértil para a definição de uma hipotética Paisagem Eremítica com base nas características suficientemente distintas que a sustente.

Palavras Chave: Apropriação; Arquitetura; Eremitismo; Paisagem; Serra de Ossa.

THE EREMITES OF *POOR LIFE* AND THE CONSTRUCTION OF THE SIERRA DE OSSA LANDSCAPE

Rolando Volzone

Abstract: The architectural evidences that reached our days as a legacy of the hermitical movement in Serra de Ossa, although studied and analyzed from an historical point of view, are still little known with respect to the architectural characteristics of its physical implantation and its relationship with the natural systems. This paper intends to expose the appropriation process of the locus eremus as a starting point for the interpretation of this landscape, evidencing the close relationship between the religious experience and the physical space chosen to reach the perfection of the soul. The locus eremus is thus determined not only by practical aspects such as the absolute and relative location, orography, existence of water resources, or the King's favoring to the religious and settlement action of the hermits, but also by spiritual aspects related to the symbolism of the physical elements present and the solitary walk of these men. These aspects, combined with the built architectural elements and other exerted human action, may be fertile ground for the definition of a hypothetical Hermitical Landscape based on the sufficiently distinctive characteristics that sustain it.

Keywords: Appropriation; Architecture; Eremitism; Landscape; Serra de Ossa.

OS EREMITAS DA *POBRE VIDA* E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DA SERRA DE OSSA

Rolando Volzone

1 - INTRODUÇÃO¹⁰⁵

O movimento eremítico em Portugal teve particular importância no Alentejo onde um conjunto de homens - os eremitas da *pobre vida* - personificaram a expressão máxima do Eremitismo¹⁰⁶ na região. É a partir de 1366, ano em que é documentado o registo das primeiras fundações eremíticas, que a Serra de Ossa se constituirá como o epicentro deste movimento na província transtagana.

A investigação visa contribuir para a criação de conhecimento sobre uma realidade, que pela sua própria natureza erma se encontra pouco estudada. Pretende-se complementar estudos já efetuados no âmbito histórico, sociológico e teológico acrescentando o saber arquitetónico na sua relação com a paisagem, e compreender o valor contemporâneo destes conjuntos arquitetónico-paisagísticos que sofreram alterações profundas ao longo dos séculos, nomeadamente com a extinção das ordens religiosas em 1834. Ao avançado estado de ruína e reconversão funcional de alguns destes edifícios, correspondem também processos de alteração da paisagem verificados no último meio século, designadamente no que diz respeito à plantação de eucaliptos na Serra, o que transformou profundamente o carácter do lugar, uma vez que comprometeu o sistema hídrico existente assim como a leitura morfológica do relevo.

¹⁰⁵ O presente trabalho insere-se no âmbito do projeto de investigação doutoral *Arquiteturas da Alma. Proposta de Valorização da Arquitetura e Paisagem Eremitica no Alentejo dos séculos XII-XVI*, financiado pela FCT (SFRH/BD/111796/2015), que teve início em Outubro de 2015.

¹⁰⁶ Sobre a evolução do eremitismo em Portugal, veja-se: Maria Ângela Beirante, «Eremitismo», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, tomo II, Lisboa, Círculo de Leitores - CEHR da UCP, 2000, pp. 149-154. Neste contexto fornece uma definição de eremitismo como de "uma forma de vida caracterizada pelo radical desinteresse pelo mundo e pela procura da solidão (do grego *érêmos*, solidão, deserto, ermo). Traduz uma atitude existencial que tem como finalidade a busca pela transcendência, mediante a própria superação, e é comum a todas as religiões que buscam a salvação através da união com Deus".

Neste âmbito, a partir de uma leitura das fontes cartográficas¹⁰⁷, é possível esboçar uma análise fisiográfica da Serra de Ossa. Contudo, entende-se que este território constitui-se como uma entidade multidimensional, que apresenta duas facetas complementares de uma qualquer experiência de cariz eremítica - uma terrena e outra espiritual. Considera-se assim importante conjugar estas duas componentes para melhor compreender esta realidade.

2 - ENQUADRAMENTO HISTÓRICO: O ALENTEJO E OS EREMITAS DA "POBRE VIDA"

*Alentejo, ai solidão,
Solidão, ai Alentejo,
Convento de céu aberto!
Nos teus claustros me fiz monge,
Alentejo ai solidão...
Em ti por ti me fiz monge,
Perdeu-se a terra ao longe,
Chegou-se-me o céu mais perto!*

Régio 1968, 141-143

Os versos do *Fado Alentejano*, acrescentado na 3ª edição da coleção *Fado, Obras Completas* de 1968 de José Régio, conseguem encerrar com muita eficácia a condição eremítica - de solidão, de aproximação com o divino - da qual a região alentejana parece impregnada.

Já Fr. Henrique de Santo António na *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa*¹⁰⁸ (o texto de memórias mais antigo deste movimento no plano nacional publicado entre 1745-1752) apresenta nos primeiros quatro capítulos do primeiro tomo, uma descrição exaustiva da " (...) grande Província do Alem-Tejo, em que teve a sua origem a vida solitária" (Santo António 1745-1752, 26), mostrando-nos uma versão romanceada do Alentejo como berço da vivência eremítica, mesmo anterior à experiência de São Paulo de Tebas, um dos Padres do Deserto e primeiro eremita do qual há notícias.

Embora extremamente sugestiva a dissertação de Fr. Henrique, não existem até hoje provas documentais a suportar as suas afirmações, e portanto socorremo-nos do primeiro documento existente, datado de 19 de Julho de 1376: a bula *Cum vobis visitationem prelatorum* do Papa

¹⁰⁷ As fontes cartográficas analisadas foram disponibilizadas pelo IGOT - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território Universidade de Lisboa, pela Unidade de Ambiente e Desenvolvimento do CIMAC - Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, e pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, da Direção Regional de Florestas do Alentejo.

¹⁰⁸ Fr. Henrique de Santo António, *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa No Reyno de Portugal, e dos que floresceram em todos os mais Ermos da Christandade; dos quaes nos seguintes séculos se formou a Congregação dos Pobres de Jesu Christo; e muitos depois a Sagrada de S. Paulo primeiro Eremita, chamada dos Eremitas da Serra de Ossa*, tomo I - *Que contém a Historia Anachoretica, e Cenobitica dos primeiros cinco séculos do Mundo Christão*; tomo II - *Que contém a Historia Anachoretica, e Cenobitica dos Seculos Sexto, Settimo, Oitavo e Nono* Lisboa, na Officina de Francisco da Sylva, 1745- 1752.

Gregório XI, através da qual é ordenada uma visita para inquirir sobre a vida, costumes e ortodoxia desses pobres *Ermitãaes*, nomeando como visitantes o chantre de Braga Vasco Domingues, e o bispo de Coimbra D. Pedro Dias Tenório. É assim que a 2 de Fevereiro de 1378, Vasco Domingues emite uma sentença relativa a estes eremitas, que vivem “nas montanhas e logares Ermos do bispado de euora e comarca de aalem teio”, atestando a presença de fundações já a partir de 1366, iluminando esta realidade de eremitismo espontâneo do qual não havia algum registo.¹⁰⁹

A exposição e conformidade da vida eremítica resultam numa intensa fase de expansão até 1452 à qual não são indiferentes as doações efetuadas pelo Rei, pelos concelhos e por particulares. Essa expansão terá no entanto outro efeito: estimulará a vontade do poder régio e das instituições eclesíásticas de enquadrar o movimento, exercendo um constante controlo, até à constituição em 1578 de uma Congregação autónoma sujeita à Regra de Santo Agostinho e no quadro da já antiga ordem húngara dos Eremitas de S. Paulo Primeiro Eremita. É assim que na província trastagana, na zona menos povoada do país, se instalam os eremitas da *pobre vida*, recusando o materialismo da sociedade, praticando um *modus vivendi* radical que visa atingir a perfeição da alma.

É num ambiente de simpatia para estes ascetas¹¹⁰ que se gera o clima propício ao desenvolvimento de uma cultura espiritual que tem como nota dominante o desprezo do mundo. Num período marcado pela peste negra - a primeira epidemia data de 1348 - que dizimou entre um terço e metade da população portuguesa, e pela fome associada a repetidos maus anos de colheitas, registou-se naturalmente um esforço e uma política desenvolvida pela coroa de recuperação e reorganização demográfica e económica, no sentido de atrair a população para as novas vilas e concelhos. A peste e o êxodo populacional levaram à existência de extensos terrenos abandonados e por cultivar, pelo que não é de estranhar o apoio por parte dos concelhos aos eremitas que certamente contribuiriam para a fixação de populações e na recuperação de terras de cultivo. Adicionalmente, de referir que a este ambiente favorável não era alheia a admiração que o poder e população sentiam pela pobreza e pelo exemplar modo de vida¹¹¹.

¹⁰⁹ É importante ressaltar no campo historiográfico: José Mattoso, com o seu artigo *Eremitas Portugueses no século XII* na revista *Lusitania Sacra* de 1972, traça uma primeira caracterização do movimento em termos cronológicos, da sua distribuição geográfica e do seu papel no povoamento de regiões. Em 1976, no volume III do *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, Mattoso volta a debruçar-se sobre o tema, apresentando uma síntese sobre os Eremitas da Serra de Ossa e em 1985 Maria Ângela Beirante publica *Eremitérios da pobre vida no Alentejo dos séculos XIV-XV*. Mais recentemente é conhecida a investigação de João Luís Inglês Fontes que na sua tese de doutoramento *Da «pobre vida» à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)* aprofunda exaustivamente a evolução histórica do movimento e o *modus vivendi* destas comunidades.

¹¹⁰ Maria Ângela Beirante, *Eremitérios da pobre vida no Alentejo dos Séculos XIV-XV in Territórios do Sagrado - Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal*, Lisboa, 2011 p. 133: “De grande importância era as doações feitas pelos concelhos aos ermitães da *pobre vida*, que se instalavam nas matas e baldios do seu termo. (...) Todas estas doações revelam um clima bastante favorável ao fenómeno eremítico”.

¹¹¹ *Ibid.*, págs. 118-120.

Estamos assim perante um fenómeno de apropriação de um espaço - o ermo. Esta apropriação, como vimos, tem duas motivações distintas: a dos próprios eremitas que pretendem o afastamento e o isolamento do mundo, e a do poder que vê o anacoreta como elemento instrumental no povoamento dos terrenos abandonados. O ermo é escolhido como espaço da própria espiritualidade, como o deserto procurado pelos eremitas, afastado dos centros populacionais. Apropriam-se assim destas terras abandonadas - geralmente invadidas pelo mato -, destes espaços devolutos e dedicam-se ao cultivo das terras que pertencem ao eremitério.

Gustavo de Matos Sequeira, um dos mais notáveis olisipógrafos do século XX, colaborou na edição de um pequeno livro intitulado *Alentejo*, o nº5 da coleção *Terras Portuguesas*, editado pela Shell Portuguesa em 1944. O livro é essencialmente um guia das terras de interesse histórico e turístico de Portugal, um roteiro de "O que se deve ver no Alentejo", como escrito na última página. No contexto da presente investigação curioso é o parágrafo dedicado à Paisagem e o Homem. A ideia que num guia, se sinta a necessidade de dedicar algumas páginas a esta relação, sublinha a relevância e clareza com a qual este território é lido. Numa passagem assim se escreve: "A terra, a cultura e o clima influem poderosamente no tipo humano; a paisagem condiciona-o também. Assim o Alentejano se formou dentro dos ditames impostos pelo seu «habitat». Os vastos horizontes tornam-no contemplativo e recolhido; a extensão das planuras aumenta-lhe a estatura" (Sequeira 1944, 8).

Será possível imaginar a imensidão da peneplanície alentejana como elemento essencial para as práticas introspectivas destes homens? Terá sido este mapa basilar na expansão dos eremitas, mapa que traça a correspondência entre a imensidão do território e a profundidade do "espaço interior"?

Parece ser nesta dicotomia entre as duas escalas do pequeno e do grande, que se encontram as imensidões das planícies e a íntima profundidade, numa espécie de contínuo concentrar e expandir, "a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito" (Bachelard 1978, 157).¹¹²

¹¹² São várias as referências a esta dualidade entre imensidão e intimidade, talvez uma das mais impressionantes seja a de Philippe Diolé (1908-1977), autor e explorador francês que partilhou com Jacques-Yves Cousteau, para além das conhecidas explorações marítimas, a coautoria de diversas publicações. Diolé apresenta-nos no seu *Le Plus Beau Désert du monde* (1955) o produto reflexivo e emocional da sua viagem individual pelo deserto do Sahara, onde podemos encontrar passagens como: "é preciso viver o deserto tal como se reflete no interior do errante" (...) "esses restos de montanhas, essas areias e esses rios mortos, essas pedras e esse sol causticante" (...) "é anexado ao espaço interior".

2 - INTRODUÇÃO AOS EREMITÉRIOS¹¹³ DA SERRA DE OSSA

A investigação realizada até agora sobre a expansão e institucionalização do movimento eremítico no Alentejo, sobretudo a desenvolvida por João Luís Inglês Fontes na sua tese doutoral *Da «pobre vida» à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)* permite identificar os eremitérios que foram fundados e a sua localização, constituindo um instrumento valioso para o estudo do tema. O investigador identificou 19 eremitérios em 1510, na fase de constituição da Congregação da Serra de Ossa (Fig. 1).

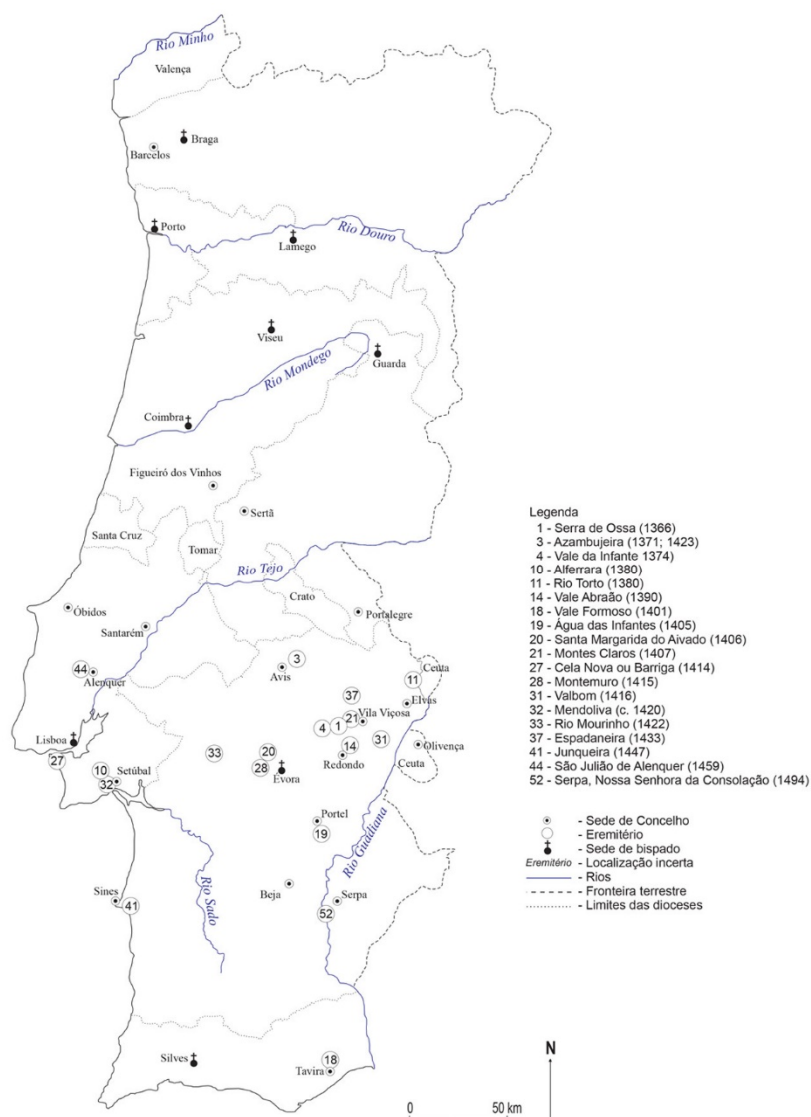


Fig. 1: Os eremitérios da Congregação da Serra de Ossa em 1510 (Fontes, 2012, p.173)

¹¹³ Maria Ângela Beirante, na sua publicação *Territórios do Sagrado. Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal*, afirma: "Os eremitérios, eram vulgarmente denominados por *oratórios* ou *provincias* e mais raramente por *celas*, mas o da Serra de Ossa contou sempre com uma população mais numerosa".

O papel da Serra de Ossa como epicentro do movimento no Alentejo determina a premência em estudar primariamente os eremitérios da congregação aqui fundados: *Serra de Ossa, Vale da Infante* e *Vale de Abraão*. A crescente adesão ao movimento e o processo de institucionalização das ordens resultou na constituição de mosteiros, respetivamente: Mosteiro de São Paulo da Serra de Ossa, Mosteiro de Santo Antão de Vale de Infante e Mosteiro de Santo Onofre de Vale de Abraão.¹¹⁴

Após à extinção das ordens religiosas de 1834, estes três eremitérios revelam-se paradigmáticos da evolução dos complexos arquitetónicos. Atualmente, alguns ainda conservam elementos característicos de considerável interesse patrimonial e científico, outros foram transformados, geralmente em virtude de uma alteração do próprio destino de uso, e outros estão em estado de ruína.

O eremitério *Serra de Ossa* foi central para o movimento eremítico, sendo cabeça da Ordem de São Paulo desde 1578 até à fundação do Convento do Santíssimo Sacramento de Lisboa. As *Chronicas dos eremitas da serra de Ossa* relatam duas fundações, uma em 315 e outra em 1182, das quais, até a data, não há provas tangíveis nem documentais. Em 1400 é fundado um mosteiro que em 1578 - no ano da aprovação definitiva da Congregação dos Eremitas da Serra de Ossa - é reconstruído e significativamente ampliado (Fig.s 2 e 3).

Este mosteiro continuou a sofrer campanhas de remodelação ao longo da primeira metade do século XVII e do século XVIII, patrocinadas sobretudo pelos Duques de Bragança. Em 1834 é publicado o Decreto de extinção das Ordens Religiosas, pelo qual foram declarados extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios, e quaisquer outras casas das ordens religiosas regulares. O então Mosteiro de São Paulo não teve destino diferente, aliás, espera-o trinta e seis anos de abandono depois da execução do diploma, devassamento e espoliação de muitos valores culturais, até à venda por parte do Estado em hasta pública.¹¹⁵

¹¹⁴ Para além dos três eremitérios citados, as fontes relatam também a existência de um quarto eremitério, o de *Santa Maria de Monte Virgem*, fundado em 1397, mas que já não é presente na geografia eremítica após 1452 - ano de institucionalização deste movimento. Por esta razão, e sendo o trabalho de investigação numa fase inicial, é ainda incerto o exato local de implantação, e optou-se por excluí-lo do conjunto de eremitérios tratados.

¹¹⁵ Para a descrição artístico-arquitetónica veja-se: Túlio Espanca, *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Évora*, vol. IX, tomo I, pp. 306-321; Luísa Arruda e Teresa Campos Coelho, *Convento de São Paulo da Serra de Ossa*, Lisboa, Edições Inapa, 2004.



Fig. 2: Mosteiro de São Paulo da Serra de Ossa: vista aérea. Fonte: Google Earth, data das imagens 01/09/2013



Fig. 3: Mosteiro de São Paulo da Serra de Ossa: vista de noroeste

O eremitério *Vale da Infante* fundado em 1374 é localizado no vale homónimo. Era propriedade da infanta D. Beatriz, filha do rei D. Pedro I e de D. Inês de Castro, que doou estas terras aos eremitas da *pobre vida*, e em virtude disto o lugar adquiriu o nome *Vale da Infante* (Figs 4 e 5). Em 1642 a comunidade deve ter sido transferida para o Convento de Lisboa “ficando, apenas o hospício para noviciado dos irmãos regrantes, e sofreu, então, importantes obras de conservação” (Espanca 1975, 246). Em 1657 servia somente de granja do Mosteiro de São Paulo.



Fig. 4: Mosteiro de Santo Antão de Vale da Infante: vista aérea. Fonte: Google Earth, data das imagens 01/09/2013



Fig. 5: Mosteiro de Santo Antão de Vale da Infante: vista de noroeste

O eremitério *Vale de Abraão*, junto à albufeira existente no vale, é no final do século XV um dos mais ricos e povoados. Em 1592, após a aprovação definitiva da Ordem, foi decidida a extinção deste mosteiro por motivos de insalubridade ou escassez de rendas (Fontes 2012). Em 1878, Gabriel Pereira atestava a completa ruína em que caíra o antigo complexo monástico. Esta realidade foi confirmada nas visitas de campo efetuadas no final de 2016 (Fig.s 6 e 7) com o apoio do arqueólogo Rui Mataloto. Embora em estado de ruína é um testemunho que chegou até nós e que merece ser estudado, seguramente com base na sinergia entre Arquitetura, Arqueologia, História e Paisagem.



Fig. 6: Ruínas do Mosteiro de Santo Onofre de Vale de Abraão: vista aérea. Fonte: Google Earth, 01/09/2013



Fig. 7: Ruínas do Mosteiro de Santo Onofre de Vale de Abraão: vista de sudoeste

4 - CARATERIZAÇÃO FISIAGRÁFICA DA SERRA DE OSSA¹¹⁶

A Serra de Ossa¹¹⁷ ergue-se no Alentejo central a 30 Km da cidade de Évora (Fig. 8), elevando-se entre o Alto Alentejo e a planície de Évora, com cota máxima de 653m sobre o nível do mar no Alto de São Gens de onde “ (...) o panorama é vastíssimo: da Fóia algarvia à massa respeitável da Serra de Estrela, da Serra Morena às de Montejunto e Arrábida desenvolve-se um panorama colossal, um mar em que as montanhas semelham vagas” (Pereira 1934, 366).

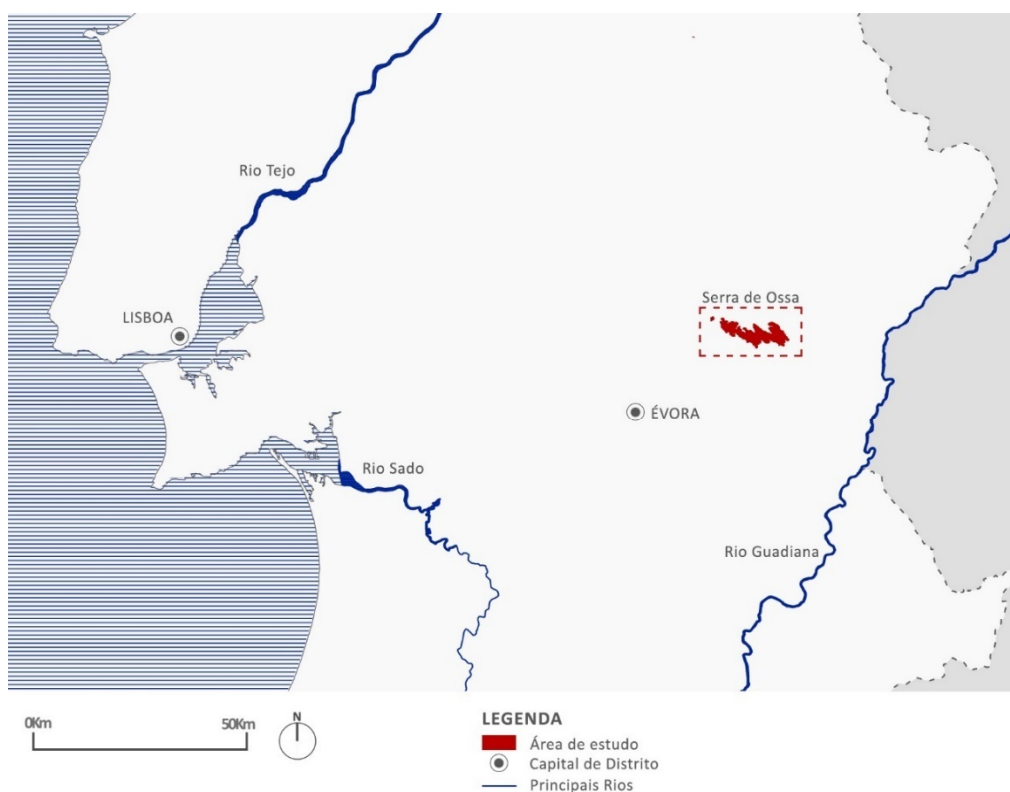


Fig. 8: Serra de Ossa: localização

Não se constitui como um relevo de grande expressão, mas certamente destaca-se pelo contraste com a imensidão da peneplanície circundante, “O peneplano do Alentejo desdobra-se, visto do alto, por Estremadura e Beira” (Cidade 1959, 4).

¹¹⁶ Uma serra é entendida como um sistema de elevações singulares - e não agrupadas, como no caso dos maciços - geralmente separadas por vales. A etimologia da palavra - do substantivo latino *serra* - remete para o instrumento cortante, uma serra, cujas lâminas dentadas lembram a série de montanhas com picos em forma de triângulo que a constituem.

¹¹⁷ Na caracterização da paisagem da Serra de Ossa tomou-se como instrumento fundamental a publicação “*Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*”, elaborado para a DGOT-DU, Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território, pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora, entre 1999 e 2001.

Na sua orientação aproximada noroeste-sudeste, distribui-se principalmente pelos concelhos de Borba, Estremoz, Redondo - núcleo central da Serra - embora agregue também parte dos concelhos de Arraiolos, Sousel e Vila Viçosa, com os seus 40 Km de comprimento e 16 de largura. Apresenta *grosso modo* o relevo típico de xistos, sendo constituída principalmente por xistos paleozoicos e formações metamórficas. Da análise primária da sua topografia é possível detetar uma depressão continuada que atravessa a serra ao longo da sua estrutura, seguindo a sua orientação geral, que configura o vale de fratura da Água Santa, do nome da ribeira que o atravessa. (Feio 1983, 6).

O sistema hidrográfico da Serra de Ossa é constituído pelas águas pertencentes às bacias do Tejo e do Guadiana. De mencionar os dois cursos de água mais relevantes: a ribeira de Lucefecit - afluente na margem direita do Guadiana que se destaca pelo seu caudal permanente; e a ribeira de Tera que com uma extensão de 60 km recebe em si três grandes ribeiros, com origem na própria serra: Água Santa, Canal e Cortes (Fig. 9).

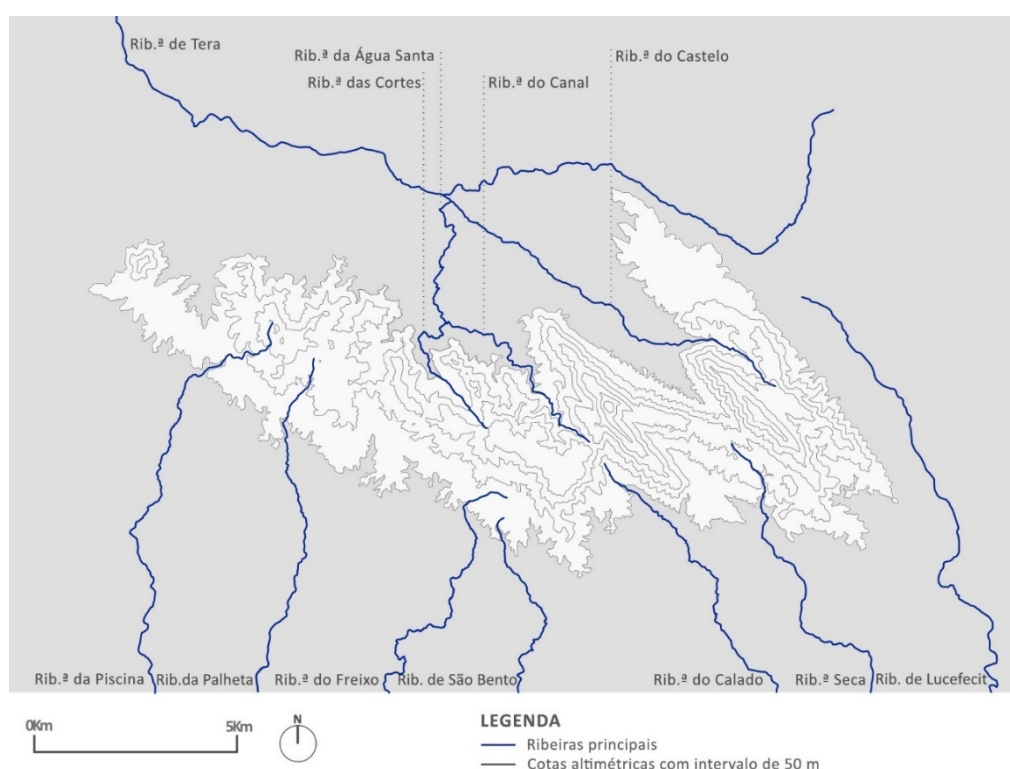


Fig. 9: Serra de Ossa: Principais Ribeiras, com base nos dados fornecidos pela Unidade de Ambiente e Desenvolvimento do CIMAC (Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central)

Embora os recursos aquíferos subterrâneos, sobretudo nas formações xistosas, sejam muito limitados no Alentejo Central, caracterizado por solos de potencial reduzido para a agricultura (Calado 2001, 17), existem evidências muito antigas relativamente à presença de água abundante nesta zona da Serra de Ossa designadamente nas *Chronicas dos Eremitas da Serra de Ossa* onde se lê: "*Muitas são também as ribeiras, que nestas terras tem o seu nascimento; e algumas de nome pela sua grandeza, e abundancia de agoas: as principaes sao a de Lucefeci nascida dellas pela parte que olha para as Villas de Estremoz, e Borba, e corre por onde chamao Meyo Mundo, fazendo o seu arrebatado curso para o Poente; e depois de ter embebido em si outros muitos ribeiros, que correm do interior das mesmas terras, com os quaes se faz mais caudalosa, e difficultoza em partes de se passar sem grande risco, se recolhe no rio Guadiana. Também a celebre ribeira de Tera tem a sua origem na raiz destas serras para a mesma parte de Estremoz; e depois de receber em si os três grandes ribeiros, que dellas correm chamados o da Agoa Santa, por ser o seu banho remedio maravilhoso, e saudável para varias enfermidades; o do Canal, e o das Córtes, se vem a fazer Tera huma das mayores, e mais caudalosas ribeiras de todo o Alem-Tejo. Pela parte do Sul também correm destas serras algumas ribeiras de menor grandeza, quaes sao a do Pinheiro, a da Silveira, a de Val-de Abraham, e a de Val-de Pereiro.*" (Santo António 1745, 78).

A partir dos anos 50 e 60 do século passado, a plantação intensiva de eucaliptos tem resultado numa degradação dos recursos hídricos e do solo, para além de uma uniformidade e descaraterização da paisagem. Neste contexto, é de particular interesse a investigação *Impacte da Cultura de Eucaliptos sobre os Recursos Hídricos Subterrâneos da Serra de Ossa*, onde através de avaliações no terreno concluiu-se que "*na maior parte das fontes existentes na Serra de Ossa acusam um elevado estado de degradação, estando algumas abandonadas e/ou destruídas. Das catorze fontes observadas apenas três forneciam caudal aceitável, cerca de 400 l/h, para a época do ano (Maio/Junho). As restantes estavam secas ou apresentavam um caudal muito pequeno*" (Lima et al. 1998).

Se o efeito visual da plantação do eucalipto é evidente ao visitante da Serra de Ossa, o seu efeito sobre os recursos hídricos não é menos relevante, sobretudo numa zona quente e seca como é o caso em estudo. A plantação intensiva de eucaliptos num clima como o da Serra de Ossa leva a que a evapotranspiração seja muito mais elevada que a infiltração, o que resulta no empobrecimento do solo em água e na redução da mesma subterraneamente; a consequência destes fatores é o desaparecimento dos caudais das nascentes.

A transformação fito-edafo-climática, a redução dos níveis de água disponível e o conseqüente abandono dos terrenos agrícolas pela população levaram a um empobrecimento e degradação geral dos sistemas ecológicos da Serra e das suas estruturas. Felizmente esta situação é reversível: como é apontado pelo estudo da Universidade de Évora anteriormente citado, a influência do eucaliptal faz-se sobretudo ao nível do sistema aquífero superficial, o que leva a concluir que no caso de esta cultura ser abandonada rapidamente seria possível atingir um novo equilíbrio (Lima et al. 1998).

No que respeita ao sistema de vegetação, sabe-se que é possível encontrar nas áreas situadas a cotas superiores aos 350m, manchas da vegetação autóctone (Calado 2001, 18-19), com a presença do Zambujeiro (*Olea europaea, sylvestris*), do Pinheiro bravo (*Pinus pinaster, atlantica*), do Pinheiro manso (*Pinus pinea*), do Carvalho-lusitano (*Quercus faginea*), do Sobreiro (*Quercus suber*). Hoje em dia ainda se encontram, nas imediações do Mosteiro de São Paulo da Serra de Ossa, manchas de sobreiral, azinhal e giestal.

Da análise da Carta Agrícola e Florestal de Portugal à escala 1:25000, com reconhecimento de campo em 1951 e atualização de 1964, é possível individualizar estas áreas de plantação diversificada, numa altura em que a eucaliptização ainda não tinha alterado completamente a paisagem.

5 - A SERRA DE OSSA - ASPETOS PRÁTICOS E ESPIRITUAIS DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO

*"A meia encosta dessa erguida serra,
Pairando sobre valles, o mosteiro,
Já de dois sucessor, que n'outros pontos
Se disseram d'Abraão e Val d'Infante,
Bem situado foi dos pobres monges.*

*Depois o espaço, o misterioso ether,
O abysmo sem fim e sem principio,
Em que mil mundos luminosos gyram
A's leis cedendo de um Motor Supremo,
Por varios nomes Deus nas theogonias."*¹¹⁸

Barata 1898, 2-3

¹¹⁸ Carta que pertence a um conjunto de textos de vários autores presente na BNP, Biblioteca Nacional de Portugal, com cota L. 25768//2 P. Atualmente não há mais informações sobre a natureza deste documento.

É de outubro de 1898 a *Carta a um kleptomano que fora à Serra de Ossa por D. Bruno*, de António Francisco Barata - escritor, investigador e crítico de Góis - que expõe nestes versos dois topónimos da Serra de Ossa, homónimos de dois importantes eremitérios - *Vale da Infante* e *Vale de Abraão*. A Serra de Ossa foi objeto de variadas descrições, sendo uma das mais marcantes a de Hernâni Cidade, sobre o qual “aquela enorme, escura massa montanhosa” exerceu grande fascínio.¹¹⁹

A Serra de Ossa é hoje um local de inegável beleza, mesmo sujeita às agressões e abusos levados a cabo nos últimos cinquenta anos. Não é difícil, mesmo à luz da realidade atual, inferir sobre a atração que tal local exerceu sobre os eremitas atendendo à sua necessidade de reclusão e contemplação. Contudo, é importante refletir sobre os fatores que precipitaram a ocupação do ermo a partir do século XIV. Neste contexto é devido destacar os contributos do Prof. Dr. Manuel Calado e do Arqueólogo da Câmara Municipal do Redondo, Mestre em Pré-história e Arqueologia Dr. Rui Mataloto, que têm desenvolvido múltiplas linhas de investigação relacionadas com a ocupação pré-histórica do Alentejo Central, relatando vários achados dos primeiros povoamento da Serra de Ossa¹²⁰.

O processo de apropriação de um espaço envolve necessariamente uma escolha e seleção de localizações adequadas a um determinado fim. No caso da apropriação da Serra de Ossa pelos eremitas da Baixa Idade Média, existem claramente duas categorias de fatores que motivaram a escolha deste local para a instalação dos eremitérios: fatores de ordem prática, do plano *terreno* ou *material*, e fatores de ordem espiritual, do plano *metafísico* ou *simbólico*.

5.1 - A ocupação do ermo: aspetos de ordem prática

Os aspetos de ordem prática, do plano terreno ou material que influenciaram a fixação dos eremitas na Serra de Ossa residem nas próprias características físicas e geográficas da Serra de Ossa: a interação entre relevo, vegetação e água - componentes base de um qualquer lugar

¹¹⁹ Ver Hernâni Cidade, *A Serra d'Ossa e o seu convento*. Separata do Boletim da Junta de Província do Alto Alentejo: 1959.

¹²⁰ Vejam-se, entre outros: CALADO, Manuel (1995) A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico. Lisboa: Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa; MATALOTO, Rui (2004) Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 139-173. MATALOTO, Rui (2005) Meio Mundo 2: a fortificação calcolítica do Alto de São Gens (Redondo/Estremoz, Alentejo Central), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 5-19.

natural. A compreensão destes fatores físico-ambientais, permite uma aproximação ao *genius* do lugar, sendo a estrutura espacial de base já dada *a priori* pela natureza. Frequentemente a ocupação do espaço é feita através da solução mais simples, vernacular, com a adaptação direta do edificado ao espaço, integrando-se na paisagem matricial (Norberg-Schulz 1992, 172).

As implantações necessitam de um quadro natural com especificidades de configuração restritivas e singulares distintas dos outros contextos topográficos relativos à vivência religiosa regular. A determinação do sítio de instalação deve responder a necessidades práticas como: distância física dos agregados populacionais; vales florestados e solos com aptidão agrícola; existência de água corrente abundante e potável; disponibilidade de matérias-primas para construção (Jorge 2010)¹²¹.

O desejo de reclusão dos eremitas implica o afastamento da vida gregária, que faculte a tranquilidade necessária a esta vida de recolhimento, oração, ascetismo. As elevações, participando do simbolismo da transcendência, adequam-se perfeitamente a esta função, permitindo e facilitando também a proximidade ao céu, ao divino. Ao mesmo tempo, este *microcosmo* acaba por não se materializar num espaço de completo isolamento; o perímetro destes eremitérios, muitas vezes cercado, acolhe o mundo exterior uma vez que sua tradição obriga à hospitalidade de quem os procura: pessoas doentes ou idosas que precisam de cuidados, viajantes ou peregrinos em busca de alojamento, pessoas à procura de conselhos ou acompanhamento espiritual, ou até pessoas interessadas em comprar os seus produtos: excedentes de fruta dos pomares que cultivam ou as colheres de pau que produzem com a madeira das matas onde habitam. Por estas razões instalam-se, na maioria das vezes, à beira dos caminhos, permitindo desta forma uma penetração no seu mundo de interioridade.

O alto de São Gens (ponto mais alto da serra a 653m) representa um ponto nodal para a transitabilidade da serra de Ossa, localizando-se no ponto de convergência das duas mais importantes portelas: a nascente o vale do Meio Mundo que liga São Gens ao Castelo (642m), e do lado poente a estrada nacional 381 que liga o Redondo a Estremoz, esta última muito próxima dos eremitérios e claramente utilizada pelos eremitas nas suas deslocações (Fig. 10).

¹²¹ Sobre as características dos lugares de implantação, embora relativo ao caso do Mosteiro de Alcobaça da ordem de Cister, veja-se o erudito trabalho desenvolvido por VIRGOLINO FERREIRA JORGE, "Organização espaço-funcional da Abadia Cisterciense Medieval. Alcobaça como modelo de análise". Lisboa: 2010

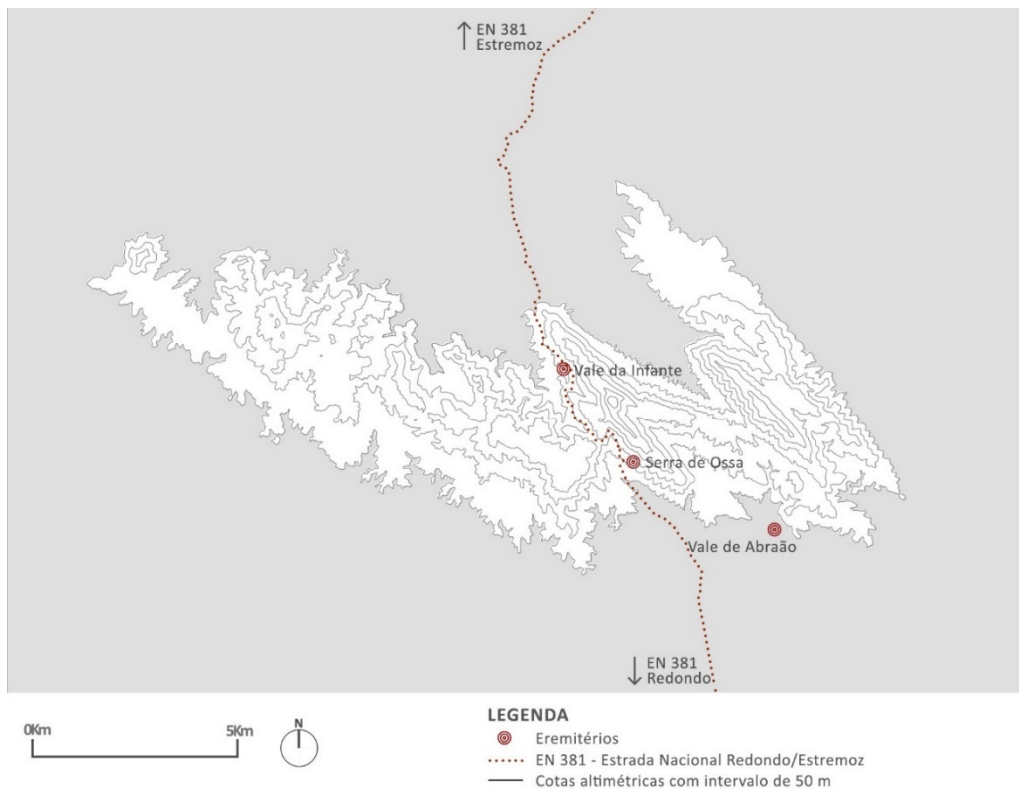


Fig. 10: Localização dos eremitérios *Serra de Ossa*, *Vale da Infante* e *Vale de Abraão* relacionados com a antiga portela, hoje aproveitada pela estrada nacional 381 Redondo-Estremoz, com base nos dados fornecidos pela Unidade de Ambiente e Desenvolvimento do CIMAC (Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central)

Confirmam-se assim as hipóteses e teorias já avançadas por outros investigadores do campo da História, nomeadamente Maria Ângela Beirante e João Luís Inglês Fontes no que diz respeito à escolha da localização dos eremitérios na proximidade dos principais caminhos naturais.

Para além da proximidade dos caminhos naturais, a disponibilidade de água revela-se essencial no processo de seleção e apropriação do ermo. É a disponibilidade abundante de água, que permitia a estes homens levar a sua vida de afastamento e recolhimento com a autonomia necessária face aos aglomerados mais próximos. Os eremitas necessitam de água e de sistemas de captação e encaminhamento quer para o consumo pessoal, na higiene ou na cozinha, quer para o regadio das suas culturas. A água assume assim um papel central na fixação dos eremitas.

A água representa também a fonte de fecundação da Terra e, simbolicamente, dos habitantes, das suas almas. Um dos locais com maior disponibilidade em recursos hídricos da Serra de Ossa é o Vale de Infante. Raul Proença, no volume II do Guia de Portugal, citando a geógrafa Suzanne Daveau, afirma que este vale constitui um “verdadeiro oásis”, no qual prosperam laranjeiras, limoeiros e outras árvores de fruto como no litoral (Proença 1927, 89-91). Não é casual a escolha deste lugar para a implantação do eremitério *Vale da Infante*. E o mesmo se pode afirmar para

as envolventes do eremitério Serra de Ossa - atual Hotel Convento de S. Paulo - que ainda mantêm usos tradicionais, e onde é possível encontrar uma diversificada produção agrícola, na qual se destaca o olival (Cancela, Pinto Correia, e Oliveira 2004, 28). Interessante notar neste contexto o caso do Vale de Abraão, onde são dominantes as áreas incultas e com cultura arvens de sequeiro, o que pode apoiar a hipótese do abandono do eremitério aqui fundado por razões de insalubridade em 1592 (Fig 11).

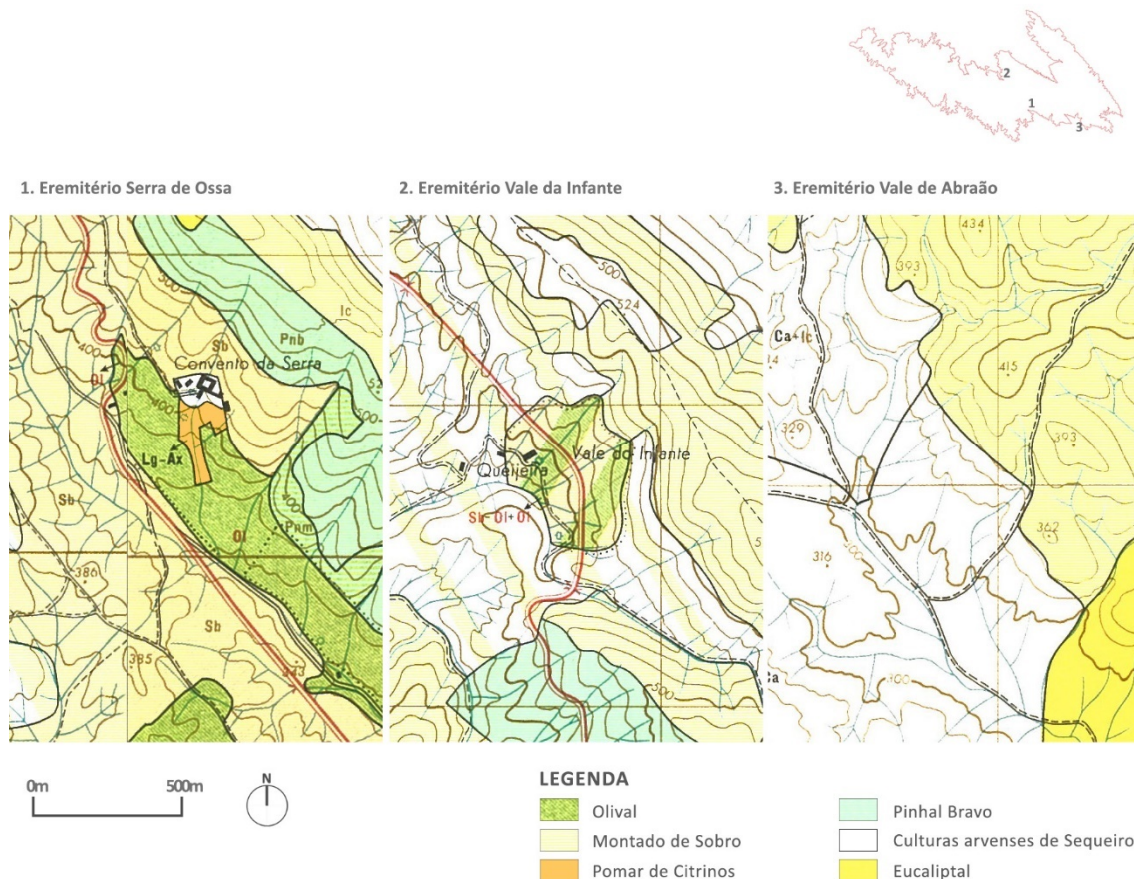


Fig. 11: Serra de Ossa, Vale da Infante, Vale de Abraão: extratos da Carta Agrícola e Florestal 1951-1964 disponibilizados pelo IGOT (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa)

Para além dos próprios eremitas e das suas motivações, existiam outros atores interessados na apropriação do ermo. Como já referido anteriormente, a expansão do movimento eremítico deu-se com o apoio dos poderes da altura, o poder régio e o poder da Igreja por meio de doações e outros privilégios. Da parte do poder régio, as preocupações com o controlo do território e fixação das populações, poderão ter contribuído para o reconhecimento do seu papel benéfico em prol da manutenção dos ermos, dos limites; já a Igreja deseja sobretudo controlar e conhecer tanto quanto possível as ações destes homens.

5.2 - A ocupação do ermo: fatores de ordem espiritual

Os fatores de ordem espiritual, do plano metafísico ou simbólico justificam a escolha dos eremitas na medida em que estes desejam a proximidade de Deus nas alturas, pelo que a montanha é o sítio onde essa ligação é mais estreita. A vivência entre a montanha e o vale - a elevação espiritual que a montanha possibilita e a dimensão terrena do vale que permite o exercício do serviço e da humildade - adequam-se perfeitamente no plano simbólico ao cariz recolhido destes homens. Também aqui, os fatores de ordem espiritual são partilhados com os grandes poderes: reis, senhores e Igreja reconhecem o exemplo de virtude destes homens, cujo impacto evangelizador junto das populações reforça a necessidade da sua proteção em nome da fé.

Sofia Boesch Gajano no seu ensaio *Gli Spazi della Santità* afirma: "O itinerário espiritual inscreve-se na Geografia Física, a procura da vida perfeita é a procura do lugar que possa garantir o alcance desta perfeição"¹²² evidenciando a relação estreita entre a vivência religiosa e o espaço físico escolhido onde é consumada essa mesma vivência.

Não é pois inverosímil que os espaços escolhidos para as fundações no território da Serra de Ossa vão *Do Vale à Montanha*, título de um poema de Fernando Pessoa de 1932, onde, para efeitos de paralelismo com a vivência eremítica, é invocada a caminhada solitária e secreta do Cavaleiro Monge rumo, quiçá, ao conhecimento último, a Deus. Vale e montanha, o côncavo e o convexo, parecem portadores de misticismo e simbolismo ao representar um o complementar do outro: o vale, dado o seu relevo, oferece-se para recolher as influências vindas do Céu, um recetáculo espiritual "semelhante à cova onde se acoitara o primeiro eremita (...) ao mesmo tempo, era também sinónimo de humildade, virtude considerada fundamental para o exercício de todas as outras" (Xavier 2004, 41). É também o local onde os dois elementos de terra e água se combinam e se misturam, preparando a terra para as colheitas, e onde simbolicamente se fundem a alma humana e o divino; a montanha, pirâmide cuja base coincide com a Terra, com o mundo corpóreo e material, implantada no terreno, na humanidade, com o vértice orientado para cima, para o reino do *não manifesto*, figura como a imagem que mais fortemente concretiza a ligação entre o Céu e a Terra, simbolizando a transcendência, a tensão para o divino.

No seu ensaio *Imagens e símbolos* Mircea Eliade defende que o cume da montanha simboliza o ponto onde a criação teve o seu começo, uma zona de limite, ligação entre Céu e terra, entre

¹²² Citação traduzida pelo autor deste ensaio a partir do texto original: "L'itinerario spirituale si iscrive nella geografia fisica, la ricerca della vita perfetta è ricerca del luogo che possa garantire il raggiungimento di questa perfezione". GAJANO, Sofia Boesch (1998) *Gli spazi della santità*, in *Diventare santo. Itinerari e riconoscimenti della santità tra libri, documenti e immagini*, a cura di Giovanni Morello, Ambrogio M. Piazzoni e Paolo Vian. Roma: Biblioteca Apostolica Vaticana. pp. 17-23.

humano e divino, inferior e superior, visível e invisível, manifesto e não manifesto por onde passa o *Axis Mundi*, e cuja energia favorece a calma, a paz interior, o silêncio.

Os singulares acidentes geográficos, as elevações e as depressões de que aqui tratamos, parecem por si só deterem uma sacralidade latente, à espera da ação de homens religiosos que os subtraíam do mundo profano. Sagrado e profano constituem os dois aspetos de manifestação do mundo, que pode sofrer ações de sacralização, mas também do seu contrário (dessacralização), num dualismo que transmuta o profano no sagrado e vice-versa: “no fundo, sobre o sagrado em geral, a única coisa que se pode afirmar com validade está contida na própria definição do termo: é que ele se opõe ao profano” (Caillois 1988, 15). No entender de Mircea Eliade a natureza no olhar do homem crente está sempre carregada de valores religiosos, sendo o Cosmos - o mundo - uma criação que sai das mãos dos Deuses, e portanto já intrinsecamente sagrada, “o mundo apresenta-se de tal maneira que, contemplando-o, o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado” (Eliade 1992, 127), até interiorizá-los e participar ele próprio desta sacralidade.

A água, para além da importância para a rega e saciedade dos homens, poderia constituir também um elemento com carga simbólica relevante no cenário ou paisagem eremítica se considerarmos a referência de António Manuel Xavier - ainda que de outra realidade que reflete a vivência institucionalizada dos conventos - no seu *Das Cercas dos Conventos Capuchos: “Para além da sua feição utilitária, a água participava na qualidade estética do espaço e na criação de ambiências”* (p. 61); “*A água assumia também um valor simbólico e religioso* (p. 62); “*A associação de fontes a nichos ou a oratórios assinalava a dimensão sagrada da água e sugeria a criação de recintos para refrigério físico e espiritual dos monges*” (Xavier 2004, 61- 63).

A sacralidade inscreve-se nos lugares transformados pela presença dos homens. Os eremitas da *pobre vida* apropriaram-se destas terras, modificando o espaço fisicamente e espiritualmente, delimitando-o através da construção de cercas, manipulando terra, água, vegetação, construindo celas, os eremitérios, gradualmente ampliados e convertidos em mosteiros.

6 - BREVES CONSIDERAÇÕES GERAIS

O estudo do movimento eremítico da Idade Média na Serra de Ossa, e em particular da sua ação arquitetónico-paisagística, é em si um desafio assaz solitário na medida em que os elementos que chegaram até aos nossos dias foram profundamente alterados ou estão em avançado estado de ruína.

No caso particular desta investigação, ainda numa fase inicial, o processo de apropriação do terreno pelos eremitas é o ponto de partida para uma primeira caracterização do sistema arquitetónico-paisagístico. E a partir daí surgem as seguintes questões:

- Quais as razões que levaram estes homens a instalarem-se ali, e não em outro local?
- Quais as razões que levaram à construção dos elementos arquitetónicos que hoje encontramos, e porque os contruíram desta forma?

É neste processo de indagação ao eremita, sobretudo com base no acervo histórico conhecido e de outras investigações semelhantes que se encontra esta investigação.

Parece relevante, neste âmbito, sublinhar que um estudo baseado só em fatores práticos de apropriação destes lugares ermos não poderia considerar-se exaustivo. Num contexto assim multidimensional é importante contemplar outros aspetos que participam desta experiência de cariz eremítica - designadamente os aspetos de ordem espiritual. Desta forma, afigura-se indispensável investir num estudo que congregue também uma abordagem de tipo especulativo na sua derivação latina de *spěcŭlor* - explorar, mas também observar, olhar, meditar - que complemente os dados materiais.

A construção de uma paisagem advém da interação entre o homem e o ambiente. Os eremitas certamente conseguiram conhecer a estrutura da serra e os seus significados latentes, chegando a compromissos com o ambiente, criando um *microcosmo* consonante com o mundo interior. Do que se conhece do seu legado, tudo indica que os eremitas da *pobre vida* souberam aproveitar os recursos naturais, manipulando-os de uma forma ecologicamente adequada, sustentável e economicamente viável, respeitando o lugar, sem sobrepor-se ao seu próprio *genius*, mas tornando-se, eles próprios, parte do espírito do lugar.

7 - BIBLIOGRAFIA

Azevedo, Carlos Moreira (diretor). 2000. *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa : Círculo de Leitores

Azevedo, Maria Manuela Gomes de, e Pinto, António Ventura dos Santos. 1985. *O Aspecto Religioso em José Régio*. Vila do Conde: Edição dos autores

Bachelard, Gaston. 1978. *A Poética do Espaço*. Traduzido por António da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural

Beirante, Maria Ângela. 2011. *Territórios do Sagrado. Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal*. Lisboa: Colibri-Artes Gráficas

Barata, António Francisco. 1898. *Carta a um kleptomano que fôra á Serra d'Ossa por D. Bruno*

Caillois, Roger. 1988. *O Homem e o Sagrado*. Traduzido por Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70

- Calado, Manuel. 1995. *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa
- Calado, Manuel. 2001. *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia
- Cancela, d'Abreu, Pinto Correia, Teresa, e Oliveira, Rosário. 2004. *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. Lisboa: DGOTDU
- Chevalier, Jean, e Gheerbrant, Alain. 1994. *Dicionário dos Símbolos*. Traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema, D.L.
- Cidade, Hernani. 1959. *A Serra d'Ossa e o seu convento*. Évora: Boletim da Junta de Provincia do Alto Alentejo
- Damásio, Fr. Manuel de S. Caetano. 1793. *Thebaida Portuguesa. Compendio Historico da Congregação dos Monges Pobres de Jesu Christo da Serra de Ossa, chamada depois de S. Paulo I Eremita, em Portugal*, tomos I e II. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira
- Eliade, Mircea. 1992. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Traduzido por Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes
- Eliade, Mircea. 1989. *Origens: História e Sentido na Religião*. Traduzido por Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70
- Espanca, Túlio. 1975. *Inventário Artístico de Portugal-Distrito de Évora*, Vol. 8. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes
- Feio, Mariano. 1983. "O relevo da Serra da Ossa: uma interpretação tectónica". *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia* 18 (35): 5-26
- Fontes, João Luís Inglês. 2012. "Da «pobre vida» à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)". Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa
- Fontes, João Luís Inglês, Serra, Joaquim Bastos, e Andrade, Maria Filomena. 2013. *Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora*. Évora: Edições Colibri - CIDEHUS-Universidade de Évora
- Gajano, Sofia Boesch. 1998. "Gli spazi della santità". *Diventare santo. Itinerari e riconoscimenti della santità tra libri, documenti e immagini*. Roma: Biblioteca Apostolica Vaticana
- Jorge, Virgolino Ferreira. 2006. "Organização espaço-funcional da Abadia Cisterciense Medieval. Alcobaça como modelo de análise". Comunicação apresentada no 1º Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões, São Cristóvão de Lafões
- Mata-Lima, Herlander, Chambel, António, Alves, João, e Francisco, Pedro. 1998. "Impacte da Cultura de Eucaliptos nos Recursos Hídricos Subterrâneos da Serra de Ossa". Trabalho apresentado no 4º Congresso da Água, Lisboa
- Mataloto, Rui. 2004. "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central)". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (2): 139-173
- Mataloto, Rui. 2005. "Meio Mundo 2: a fortificação calcolítica do Alto de São Gens (Redondo/Estremoz, Alentejo Central)", in *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 5-19
- Norberg-Schulz, Christian. 1992. *Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture*. Traduzido por Anna Maria Norberg-Schulz. Milano: Electa

- Pereira, Gabriel. 1934. *Estudos diversos : arqueologia, história, arte, etnografia : colectânea*. Coimbra: Impr. da Universidade
- Proença, Raul. 1927. *Guia de Portugal, vol. II, Estremadura, Alentejo, Algarve*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional
- Régio, José. 1968. "Fado alentejano". In *Fado. Obras Completas*. Lisboa: Portugália Editora
- Santo António, Fr. Henrique de. 1745-1752. *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa No Reyno de Portugal, e dos que floresceram em todos os mais Ermos da Christandade; dos quaes nos seguintes séculos se formou a Congregação dos Pobres de Jesu Christo; e muitos depois a Sagrada de S. Paulo primeiro Eremita, chamada dos Eremitas da Serra de Ossa, tomo I - Que contém a Historia Anachoretica, e Cenobitica dos primeiros cinco séculos do Mundo Christão; tomo II - Que contém a Historia Anachoretica, e Cenobitica dos Seculos Sexto, Settimo, Oitavo e Nono*. Lisboa: Officina de Francisco da Sylva
- Sequeira, Joaquim de Mattos. 1944. *Alentejo*. Lisboa: Shell Portuguesa
- Xavier, Antonio Manuel. 2004. *Das Cercas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade*. Évora: Casa do Sul Editora e Centro de História da Arte da Universidade de Évora

